Prezado(a) Editor Diogo Henrique Helal,

Agradecemos pelas avaliações e pelo trabalho editorial. Realizamos modificações procurando atender todas as solicitações feitas pelos avaliadores dentro dos limites do escopo do artigo. Esperamos atender aos pontos de melhoria.

Enviamos, além da presente carta, a versão do texto com as alterações marcadas e a versão sem as marcações.

Atenciosamente,

Os Autores.

\*

\* \*

Avaliador A:

#1

O título é adequado, ou seja, representa o menor resumo do seu conteúdo?

Não. O título não alude à linha teórica nem às conclusões que os autores pretenderam desenvolver.

Resposta:

Realizamos a mudança do título para expressar a linha da crítica da economia política das organizações, conforme indicado na introdução do artigo.

#2

O resumo é adequado, contendo objetivo, método, resultados e conclusão do trabalho? Se for o caso, aponte melhorias a serem realizadas no resumo:

O resumo espelha o que foi apresentado no ensaio, inclusive a própria insuficiência de inserção na literatura pré-existente.

Resposta:

O resumo apresenta os elementos básicos exigidos entre os quais não aparece “inserção na literatura pré-existente”. Inserimos passagem para ligar com a crítica da economia política das organizações conforme título alterado. Realizamos o mesmo nas palavras-chave para obter coerência.

#3

Contribuição para a área de conhecimento:

Uma condição necessária para que houvesse avanço na área de conhecimento seria maior domínio, por parte dos autores do manuscrito, sobre a história do desenvolvimento do conhecimento nessa área. Em particular, o reconhecimento de que toda a discussão, inclusive de Berle e Means, passa, direta ou indiretamente, por formulações de Marx, quer se esteja ou não alinhado a elas (ver "Corporate ownership and control: the large corporation and the capitalist class" de Zeitlin, 1974).

Resposta:

Esse texto do Zeitlin está contido em ZEITLIN, Maurice. **The large Corporation and contemporary classes**. New Jersey: Rutgers University Press, 1989. Fundamentamos muitas questões no ensaio com base nesse importante autor. Inserimos na nova versão uma passagem, do Apêndice, sublinhando que Zeitlin sugere que Marx foi influente de alguma maneira, mas que os teóricos da doutrina gerencialista interpretaram mal o problema do desenvolvimento da grande corporação e do mercado de ações, conforme Livro III, de O capital. Inserimos passagem de Zeitlin em que ele argumenta que a visão de Marx é diretamente oposta à dos teóricos da “doutrina gerencialista”.

O diagnóstico a respeito do baixo domínio sobre a história do desenvolvimento do conhecimento na área deve-se ao foco do artigo, supomos. De fato, o tema é vasto e merece atenção sobre sua história. É uma tarefa importante a ser realizada. Mas ela possui muitas ramificações e reforçamos isso na introdução, sugerindo que não temos a pretensão de cobrir uma história a respeito. Entendemos que a introdução, apesar de seu caráter histórico, tem a função mais modesta de indicar que a "doutrina” é candente e corta o último século, alcançando o século XXI. Ao delimitar dessa maneira, pretendemos focalizar a questão essencial de os gestores se configurarem como classe distinta de capital e trabalho e o estacionamento das correntes no momento mais superficial da separação entre administração e propriedade. E procuramos enfrentar criticamente esse elemento essencial e o estacionamento na superfície tão somente pela colocação da gênese e funcionalidade dos gestores do capital.

#4

A constatação da posição subalterna dos gerentes, juntamente com o aporte de dados secundários e citações teóricas relevantes, não é seguida de elaboração significativa pelos próprios autores do ensaio teórico. O manuscrito também se ressente da ausência de um debate mais extenso e direto com autores “gerencialistas” contemporâneos.

Resposta:

Sobre elaboração significativa dos autores após citações, fizemos inserções nesse sentido ao longo do texto, procurando sanar essa observação.

O debate mais extenso e direto com autores “gerencialistas” poderia desvirtuar o foco propositivo do texto em trazer à baila a funcionalidade e a gênese dos gestores do capital. Diante disso, o debate permaneceu no argumento de partida e foi relembrado em vários momentos durante o texto sem, contudo, poder figurar como alvo central dado que o ensaio tem outro objetivo. Mas essa discussão não é desimportante e precisa ser tomada de maneira dedicada em outro texto específico para isso. Retomamos essa importância nas considerações finais, indicando a necessidade não apenas do debate com os teóricos da “doutrina gerencialista”, mas também com os teóricos da economia das organizações que alimentam o mesmo ponto de arranque na separação entre administração e propriedade.

#5

Considerações a respeito da relevância e consistência teórica:

Percebe-se uma consistência entre várias formulações apresentadas, as quais, no entanto, não avançam para uma maior relevância devido às lacunas teóricas já mencionadas nesta avaliação.

Resposta:

Não pudemos identificar as lacunas teóricas sugeridas por não estarem grafadas na presente avaliação. A introdução teve o papel de apenas apresentar não exaustivamente a linha geral de desenvolvimento da doutrina gerencialista até os dias atuais, inserindo nossa argumentação e, portanto, o próprio artigo na literatura existente, inclusive internacional recente. A proposta do artigo não foi de realizar revisão de literatura. Fizemos inserções na introdução para melhorar a clareza do nosso argumento de ir além da superfície em que estaciona a teoria dos gestores e a economia das organizações na descrição da separação entre propriedade e gestão. Delimitamos um dos aspectos essenciais da doutrina como sendo o argumento de haver nova classe entre capital e trabalho. Assim, nossa proposta contribui para tratar do tema criticamente, não aderindo a essa posição essencial da teoria e indo além da aparência superficial.

#6

Considerações a respeito da revisão da literatura:

Em especial, na parte mais substantiva da segunda seção, os autores não articulam satisfatoriamente a discussão com a literatura existente. A total falta de citações empregadas para o desenvolvimento do Quadro 1 compromete a densidade e a cientificidade das formulações apresentadas.

Resposta:

Fizemos inserção de referência base para o Quadro 1. De toda maneira, o conteúdo do quadro é uma proposta do ensaio e não foi feito por outros autores. Além disso, o ensaio possui um caráter mais propositivo do que de revisão. Melhoramos a inserção de alguns autores sem comprometer o caráter do ensaio e sua proposta.

#7

Considerações sobre os métodos: (apresentação, qualidade, coerência e adequação) :

Faltou contextualizar sistematicamente a história dos gerentes ao longo das fases do desenvolvimento capitalista.

Resposta:

Esse ponto demanda uma atenção de fato dedicada. Seria, entretanto, impossível para o escopo de artigo, considerando também o propósito do presente texto. Nesse último sentido é importante registrar que o foco é nos gestores do capital como fração do capital e não nos gerentes e sua história.

\*

\* \*

Avaliador B:

#1

Considerações a respeito da relevância e consistência teórica: :

Há um único ponto que merece maior atenção e explicação para o leitor.

Marx, em nenhum momento das suas três obras de "O Capital", utiliza-se da categoria "capital financeiro".

Em sua estrutura teórica categorial, Marx divide o ciclo do capital industrial em capital produtivo e capital comercial.

O capital comercial é apresentado em suas duas diferentes formas:

1) Capital de comércio de mercadorias (com seus processos para a realização do valor, com a transformação do capital mercadoria em capital monetário emprenhado de mais-valor);

2) Capital de comércio de dinheiro (para a produção do valor, com a canalização do capital monetário para o capital produtivo). No capital de comércio de dinheiro, Marx (no livro 3) inclui o capital portador de juros e o capital fictício.

Pelo que foi apresentado no ensaio, a autoria trata como capital comercial apenas o que Marx denomina como capital de comércio de mercadorias; e trata como capital financeiro o que Marx categoriza como capital de comércio de dinheiro.

Embora o próprio Marx não adote a categoria "capital financeiro", há sim autores marxistas, como Hilferding, que assumem este conceito (o qual não é, portanto, uma categoria essencialmente marxiana).

Há então um debate no campo sobre se esta categoria apresenta efetivamente uma robustez teórica. Seria importante, portanto, que a autoria melhor se posicionasse a respeito dessa discussão, a fim de melhor precisar as categorias que são centrais na argumentação teórica do ensaio produzido.

Resposta:

Inserimos um posicionamento logo na primeira ocorrência da diferenciação entre as formas de capital. A posição ficou mais a título de esclarecimento e adoção de “capital financeiro” para englobar portador de juros e fictício, sem abrir a discussão sobre comércio de mercadorias e comércio de dinheiro, mas tomando este último como “capital financeiro”. Marx utilizou expressões tais como “capitalista financeiro” e “capital monetário”. Não apenas Hilferding empregou capital financeiro, gerando os debates conhecidos, como também posteriormente figurou expressões como “capital de finanças” (Chesnais e cia), com resultados também discutíveis. Acreditamos que, infelizmente, essa questão não pode ser aberta no texto por transcender ao seu propósito.